
*C'mon, Gender: Preconceitos de gênero na sitcom Modern Family*¹

Mateus de Melo Albuquerque²

Soraya Maria Bernardino Barreto Januário³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo propõe analisar e debater estereótipos e preconceitos de gênero na série de TV norte-americana *Modern Family*, estreada em 2009, tendo como base a sua primeira temporada, na qual é possível conhecer os personagens da série. A análise abordará a temporada dando prioridade aos primeiros episódios, nos quais é possível notar o que os personagens pensam de si e uns dos outros. Esse arco da história é importante pois trata-se do período de apresentação da personalidade, das características e dos relacionamentos entre os familiares. A pesquisa apontará como as construções sociais de gênero influenciam no comportamento dos personagens no contexto em que vivem e como eles são afetados por preconceitos, relacionando os acontecimentos com produções já feitas por autores da área.

PALAVRAS-CHAVE: *Modern Family*; Comunicação e Gênero; Série; *Sitcom*.

INTRODUÇÃO

As produções audiovisuais da atualidade não buscam apenas levar entretenimento ao espectador, mas atender às demandas sociais no sentido de estabelecer portais de diálogo. Além de dar espaço para temas antes silenciados pela mídia *mainstream*, tais como pautas de movimentos sociais, associados a questões de etnia/raça, classe e estereótipos de gênero. Tal fato parte da concepção de que na pós-modernidade (Hall, 2005) a sociedade está mais aberta para debater questões relevantes sobre diversidade e pluralidade (Barreto Januário, 2016), devido as lutas e conquistas de diversos grupos considerados minoritários no âmbito social. Com isso, é necessário que as emissoras e produtoras dinamizem o debate e a reflexão em seus programas para que esses assuntos sejam abordados, promovendo um maior diálogo com tendências e mudanças sociais.

Nos últimos anos, muitas séries têm trabalhado o empoderamento feminino e visibilidade de minorias, em tons de enredo político e jurídico, como *Scandal* (ABC), *How To Get Away With Murder* (ABC), de humor, no caso de *Unbreakable Kimmy*

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação. 4º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email: mateusmeloalb@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPE, email: sorayabarretopp@gmail.com.

Schimdt (Netflix/Estados Unidos) e de super-heróis em Jessica Jones (Netflix/ Estados Unidos). Também é dada visibilidade para conflitos reais que acontecem na sociedade com uma especial abordagem a diferentes formas de preconceitos sociais, um exemplo disso é Marseille (Netflix/França), série que aborda a luta de classes e sua relação com a política nas eleições municipais de uma cidade francesa. Trata-se de um período de grandes mudanças sociais que são refletidas na comunicação. Nesse parâmetro, produções de comédia, ação, suspense ou horror têm aderido a uma demanda de representatividade, lugar de fala e debate. Apesar do clima cômico, a série da ABC, *Modern Family*, se torna um espaço para o diálogo acerca de preconceitos, sejam eles associados a gênero, classe ou etnia/raça. A *sitcom* abre espaço para a reflexão acerca do papel da família na formação do indivíduo, inclusive na construção dos preconceitos, a partir de situações cotidianas vividas pelos membros do núcleo familiar em questão, que ele reproduzirá. Ao longo das temporadas vários assuntos vão sendo tratados, tomando como base a primeira temporada na qual, como é comum no entretenimento televisivo, se preocupa em apresentar ao público os personagens, suas realidades e as questões que os rodeiam e interferem em seus papéis como indivíduos sociais, portanto, se configura como um excelente objeto de estudo para compreensão da série e seus debates. Mas, à medida que os episódios passam, quebras de estereótipos, de modelos de masculinidade, pautas associadas ao feminismo, casamento homoafetivo, entre outras questões, se tornam tópicos a serem debatidos. Como a produção da série abre espaço para o debate acerca de preconceitos, muitos outros são abordados ao longo do enredo, além dos de gênero, alguns deles são de raça e nacionalidade.

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

Modern Family é uma *sitcom*, subgênero ficcional que pode ser definido como uma comédia de situação, produção na qual ocasiões comuns da vida são tratadas de maneira bem-humorada “propondo como regime de crença a verossimilhança. Não têm, portanto, compromisso direto com o real, mundo exterior, embora se proponham a retratá-lo de forma lúdica” (DUARTE, 2008, p.4). A série norte-americana possui oito temporadas, tendo sido a primeira estreada em 2009 e a mais recente em 2016. Produzida por Christopher Lloyd e Steven Levitan, é transmitida pela emissora ABC com uma duração média de 22 minutos por episódio, tempo comum nesse estilo de programa, “Ao saber que o programa é de determinado gênero, o espectador já tem

algumas expectativas que podem ser quebradas ou mantidas. Logo, a estratégia de sucesso de um produto televisivo está intimamente ligada ao gênero/formato do programa.” (CANNITO, 2010, p.55). Por 5 anos consecutivos ganhou o *Emmy*, importante prêmio do entretenimento, de melhor série de comédia e mais 14 troféus em outras categorias do evento. As *sitcoms* tratam de assuntos comuns de modo leve e, de acordo com Duarte (2008):

“Trata-se, via de regra, de histórias curtas e independentes, com personagens fixos, que utilizam como quadro de referência o mundo exterior próprio de um determinado núcleo social, familiar ou profissional, colocando em cena a vida e/ou as atividades profissionais das pessoas pertencentes a esse grupo.” (DUARTE, 2008, p. 4).

Devido ao estilo da série, os personagens são fixos e, pelo gênero televisivo, ainda segundo Duarte (2008), precisam ser representados com um estereótipo grosseiro para serem facilmente identificados pelo público. Garcia (2016), aponta que a série se divide em três núcleos familiares. O primeiro seria formado pelo patriarca da família Jay Pritchett, um senhor na casa dos 60 anos que se divorciou da mãe dos seus filhos após um casamento conturbado e conheceu Gloria, com quem se envolve e, posteriormente casa. Ela já tem um filho do primeiro casamento, Manny, e é constantemente questionada, durante os primeiros episódios, sobre sua intenção ao manter o relacionamento com Jay, já que ela é muito mais nova que ele.

Claire Dunphy é a filha mais velha de Jay, abriu mão de sua carreira como agente de marketing numa grande rede de hotéis para ficar em casa com os filhos. Durante todo o enredo ela parece sobrecarregada com as atividades domésticas que envolvem administração da casa, limpeza, educação dos filhos, entre outras coisas. Ela casou com Phil Dunphy, um corretor de imóveis, após acidentalmente engravidar da primogênita do casal, Haley. O relacionamento ainda lhes proporcionou mais dois filhos: Alex e Luke. Haley é o estereótipo da garota popular norte-americana, que tem um namorado contra a vontade da mãe e não parece estar muito preocupada com o que acontece ao seu redor, é retratada como burra e sem esperança de um futuro promissor. Já Alex seria a garota esforçada que fica totalmente insatisfeita com notas menores que 10 e não demonstra muitas preocupações, exceto quando sob pressão dos familiares, acerca de se envolver num relacionamento, e Luke é representado de uma forma similar à de Haley em relação à vida acadêmica, mas não possui popularidade, e muitas vezes é o “menino esquisito” da trama.

O último núcleo é formado pelo filho caçula de Jay, Mitchel, um advogado que trabalha com direito ambiental. Ele é homossexual e, juntamente com seu parceiro Cameron, professor de música, viaja para o Vietnã para adotar uma bebê. Com a chegada de Lily, a casa deles tem uma reviravolta, pois nenhum dos dois sabe, a princípio, como lidar com uma criança, além do fato de Mitchel manter a adoção em segredo da sua família. A partir desses personagens, a história começa a se desenvolver abordando situações do cotidiano, numa espécie de documentário ficcional, “Trata-se de um *mockumentary* que acompanha a rotina de três núcleos de uma mesma família.” (GARCIA, 2016, p. 7). *Mockumentary* pode ser definido como um documentário que não possui a seriedade do jornalismo e é usado em produtos ficcionais de entretenimento, se caracterizando como um produto que explora as fronteiras da ficção e não ficção (Garcia, 2016).

RELAÇÕES DE GÊNERO E PRECONCEITO

A partir da desigualdade, nasce o preconceito, que, na perspectiva de Chauí (1997), seria uma consequência do senso comum, a crença jamais questionada de que a realidade existe como é, e pode ser definido como “uma ideia anterior à formação de um conceito” (CHAUI, 1997, p. 67). A primeira plataforma social de aquisição de valores e transmissão deles seria a família. “O preconceito julga-se senhor de uma realidade transparente que, na verdade é opaca e oculta medos e angústias, dúvidas e incertezas” (CHAUI, 1997, p.67). Juntamente com o racismo, o preconceito pode ser uma afirmação tão antiga “quanto são as relações assimétricas de poder entre os homens e a concomitante necessidade de justificação dessas relações” (LIMA e VALA, 2004, p.1).

As discussões acerca do conceito (e preconceitos) de gênero começam a ganhar espaço a partir da segunda onda do feminismo, com a repercussão das discussões iniciadas nos anos 1970 envolvendo a desigualdade e lugar de inferioridade e submissão da mulher na sociedade, o que leva ao debate sobre a igualdade de gêneros, que hoje foi ultrapassada pelo conceito de equidade de gênero. “Equidade de gênero denota a equivalência no decorrer da vida para mulheres e homens, reconhecendo as suas necessidades e interesses diferentes” (REEVES e BADEN, 2000, p. 9-10). O significado e processo de construção do *ser mulher*, teorizado por Beauvoir (1980) influenciou gerações de mulheres e estudiosas na área de estudos de gênero. Rubin (1993) questionou as concepções sociais que transformam as fêmeas humanas em

mulheres domesticadas, crendo que não é possível atribuir e esperar certo comportamento de alguém devido a determinações biológicas. O modelo conhecido como “sexo/gênero”, foi estudado por Gayle Rubin (1993), e pode ser definido de forma simples como o conjunto de valores e arranjos que transformam a sexualidade em um produto social. Os debates realizados pela filósofa Joan Scott (1995) narram que, na sua opinião, o sexo é algo natural, enquanto o gênero é construído socialmente, o que é como a versão universal de sua definição. Já para Butler (2010), o conceito de gênero estaria associado à legitimação da ordem que acontece quando um bebê ainda está na barriga, onde lhe é endereçado a maneira de se comportar e por quem se atrair, também sendo uma construção social. Esse modelo fundamenta a pesquisa de Butler (2010) acerca das opressões sofridas pelas mulheres graças ao que se espera delas socialmente através da classificação binária dos corpos e seres. O gênero, seria resultado de construções sociais acerca de como o homem ou a mulher devem desempenhar seus papéis na sociedade, o que acaba impondo fronteiras invisíveis (e também visíveis) em seus espaços e relacionamentos.

“A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado.” (LOURO, 2008, p.18).

E, na perspectiva de Louro (2004) a nomenclatura, no momento do nascimento, ou antes dele das palavras “menino” ou “menina” desencadeia no indivíduo uma jornada de construção pessoal que durará toda a sua vida. “A declaração pronunciada no momento do nascimento, ou mesmo antes, durante a gestação, faz mais do que descrever um novo sujeito; na verdade, ela pode ser compreendida como uma decisão e uma definição sobre um corpo”. Ainda nos pressupostos baseados no trabalho da autora, o sexo (macho ou fêmea), inevitavelmente indica um gênero (masculino ou feminino) que necessariamente se sente atraído pelo sexo oposto. “A nomeação inaugura um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o próprio sujeito se compromete.” (LOURO, 2004, p.15). Com essa abordagem, é possível notar que a discriminação começa não em atos físicos ou morais de violência, mas na determinação de qualidades e atribuições de personalidade diferentes para os homens e para as mulheres, o que acaba delimitando os seus espaços de atuação. Essas desigualdades são naturalizadas a partir da diferença biológica, fator que não justifica um motivo real para que os espaços sociais sejam tão diferentes. Então, a partir dessa perspectiva e ponto de vista, cabe

analisar a reprodução de preconceitos na *sitcom Modern Family*, uma produção que tem como assunto principal organizações familiares enquanto microestruturas sociais, e que, em seu nascimento, na perspectiva de Morin (1984) são os lugares onde acontece a afirmação da superioridade masculina, sendo essa mantida pela ordem compulsória (Butler, 2010), processo que padroniza e regula demarcações de sexo, gênero e sexualidade (Somariva e Rosário, 2015) através de atos intencionais de performance que produzem significados (Piscitelli, 2002).

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS

A seguinte análise abordará como se dão os preconceitos de gênero em *Modern Family* a partir do estudo das relações de cada núcleo familiar que compõe a trama, a fim de perceber como os integrantes são afetados por eles.



Os três núcleos familiares da série. Da esquerda pra direita: Núcleo 1 (Jay e Gloria), Núcleo 2 (Phil e Claire) e Núcleo 3 (Mitchell e Cameron).

1. NÚCLEO FAMILIAR 1: JAY E GLORIA

O personagem principal da série, Jay Pritchett, interpretado pelo ator Ed O’Neill, é dono de uma loja de móveis sob medida e foi casado durante 35 anos com DeDe Williams, com quem teve dois filhos, Claire e Mitchel. Após o divórcio, Jay casa-se com Gloria, mãe de Manny Delgado e ex esposa de Javier. Nesse núcleo familiar é possível enxergar a fala de Ribeiro (2003), “tradicionalmente, entre nós, o grande valor social dos homens é o êxito [social], como o é para as mulheres a beleza: dois sinais distintos, afinal de adequação aos respetivos papéis socialmente prescritos” (RIBEIRO, 2003, p. 96-97). Nele, Jay é esse homem dominante e exitoso, enquanto Glória pode ser vista como a “mulher-troféu”. Jay e Gloria posteriormente chegam a ter um novo filho, Joe. Jay é um veterano do exército estadunidense construído sob ideais do patriarcado, que a todo momento precisa se reafirmar como homem e o centro das relações familiares. “Saliente-se contudo que o pensamento judaico-cristão está impregnado ao

colocar o homem no centro de tudo, evidenciando uma tendência misógina.” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 83).

A próxima personagem a ser analisada é Gloria. Ela é colombiana e durante a série, especialmente nos primeiros episódios, chega a ser extremamente sensualizada e em vários momentos é mostrada seduzindo, sem perceber, vários homens, entre eles, Phil, genro de Jay. A representação xenofóbica que ocorre dentro de uma fronteira nacional (Hopenhayn e Belo, 2001) representa e coloca um filtro redutor na figura feminina latina representando-a como sensual e provocativa, além de interesseira, o que distorce a identidade cultural formada a partir do pertencimento a uma cultura nacional (Hall, 2005). Também reforça o estereótipo reiterado na publicidade da mulher ligada à sensualidade e perfeição anatômica (Barreto Januário, 2016). Essa representação acontece em momentos do cotidiano, como em uma fala mal-entendida, uma brincadeira numa cama elástica ou durante exercícios físicos. Além de sua beleza enormemente explorada na série que se vincula “às diversas formas de sociabilidade, que impõem, regulam a sua ordem e abarcam um número cada vez maior de contextos e formas sociais.” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 260). Essa representação ainda está ligada a um fator de identidade e de “coerções estéticas mais regulares, mais imperativas, mais geradoras de ansiedade” (LIPOVÉTSKY, 2000, p. 135). Gloria representa ao mesmo tempo, devido às camadas que constroem sua personagem, a primeira e terceira mulher faladas por Lipovétsky (2000). Em primeiro lugar, ela é a mulher sedutora, em seguida, ela representa uma mulher independente, estando inteiramente à disposição de si (Lipovétsky, 2000).

Compondo a família, ainda existe Manny, fruto do primeiro casamento de Gloria, ele é um garoto inseguro que está descobrindo as primeiras paixões da adolescência e parece não se adequar aos padrões de masculinidade de Jay, que espera ver nele um modelo de virilidade. Para BOURDIEU (2012, p. 66), o processo de afirmação viril, acontece “no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de ‘quebrar a cara’ diante dos companheiros e de ser remetido à categoria, tipicamente feminina, dos ‘fracos’, dos ‘delicados’”. As afrontas feitas pelo patriarca parecem muitas vezes desencorajar o adolescente a procurar um relacionamento, já que exigem mais do que as produções poéticas feitas pelo garoto, além de impor sobre ele uma representação de masculinidade que é entendida como atributo do homem e associada à força, agressividade, dominação, entre outros fatores (Barreto Januário, 2016). Parece

haver uma tentativa de minar uma espécie de sensibilidade masculina em prol do modelo dominante de uma masculinidade hegemônica (Connell, 2005).

Além das situações expostas, há a diferença de idade entre Jay e Gloria, que, de acordo com o que foi mencionado no episódio 5 da primeira temporada, Gloria é 14 meses mais nova do que a primogênita de Jay. A partir disso, é possível ver a concepção social que ao perceber grandes diferenças de idade, repete o discurso no qual “insinua-se uma esperteza interesseira da mulher que participa dessa relação, revelando conteúdos desqualificadores da mulher e menções à traição feminina.” (MENANDRO et al., 2005, p. 14). Especialmente para ela, não parece ser um fator que venha a impedi-los de manter o relacionamento, mas a família, principalmente Claire, não parece estar muito à vontade com isso. Prova disso é a polêmica gerada no mesmo episódio, no qual um desentendimento familiar é gerado em torno da dúvida acerca das intenções de Gloria com o matrimônio, já que ela é acusada de ser interesseira, mantendo o casamento em busca de um “golpe”. Tal discurso também pode ter origem na concepção xenofóbica de que o latino, quando se muda para os Estados Unidos, é capaz de fazer tudo para conseguir residência, inclusive, se envolver num relacionamento por interesses. A assertiva de que características culturais, mesmo que estereotipadas, estão ligadas às físicas, é reforçada nessa situação, já que “a cultura não é entendida como algo fluido e dinâmico, mas como algo fixo análogo à raça” (CABECINHAS, 2008, p. 171).

2. NÚCLEO FAMILIAR 2: PHIL E CLAIRE

No segundo núcleo familiar da série, são apresentados Phil, Claire, Haley, Alex e Luke. Nas primeiras aparições de sua personagem, pode-se perceber que Claire, interpretada por Julie Bowen, “é uma mulher visivelmente sobrecarregada com as tarefas domésticas e defensora de uma educação rigorosa para os filhos” (GARCIA, 2016, p.7), que divide o seu tempo levando e buscando os filhos na escola, preparando as refeições e mantendo a casa, fazendo-a optar por abrir mão da carreira como agente de marketing.

“Os modelos retratados começam a representar certos personagens, com uma maior preocupação com a ideia central da campanha, integrando simbolismos ligados a costumes socioculturais, como por exemplo, a mulher na função de “fada do lar”, mãe, esposa.” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 222).

Ao homem é dado o papel de “pai provedor” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 105). Essa configuração do lar, apesar de ser demonstrada como opção do casal, é uma

concepção da modernidade construída a partir de pressupostos machistas, quando nem sempre foi assim, na aurora da humanidade, quando não havia desigualdade entre os sexos, a solidariedade fazia com que a vida em coletivo se tornasse mais proveitosa para todos que a compunham (Alambert, 2004). Esse estado da humanidade começa a ser dissipado a partir do desenvolvimento da agricultura e pecuária, atividades que requeriam um esforço físico maior (Safiotti e Bongiovani, 2009), o que as tornou mais fáceis de serem desenvolvidas por homens, começando assim, um sistema de dominação no qual o homem se tornaria aquele que vai à caça, atividade fora do lar, e a mulher ocupando o papel da que fica em casa, realizando atividades domésticas, em consequência, “praticamente todas as mulheres de classe média estavam condenadas a uma atitude compulsiva com relação à domesticidade” (WOLF, 1992, p. 363).

Às filhas do casal, cabem dois estereótipos distintos: a recatada e a despreocupada, o que pode se assemelhar à comparação feita por BARRETO JANUÁRIO (2016, p. 82), na qual “o fortalecimento da ideia de inferioridade da mulher por meio de modelos estereotipados, tipificados nas figuras de Maria e Madalena: a santa submissa às normas vigentes, por um lado, e a prostituta envolta num ambiente promíscuo, por outro.”. Mais do que esses comportamentos, Wolf (1992) ilustra dois outros esperados das mulheres, além dos de ordem religiosa propostos por Barreto Januário (2016): “A cultura estereotipa as mulheres para que se adequem ao mito nivelando o que é feminino em beleza-sem-inteligência ou inteligência-sem-beleza. É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo.” (WOLF, 1992, p. 77). As irmãs são sempre comparadas nesses dois níveis: estética e mente. No episódio 7 da primeira temporada, discutindo no que seus filhos podem ser bem sucedidos, Claire e Phill comentam que Alex será a melhor em qualquer coisa que tentar, enquanto Haley é bonita, e por isso encontrará alguém bem sucedido. Para Alex, cabe o papel de menina estudiosa, que se considera jovem demais para entrar em um relacionamento, mas acaba sendo julgada como lésbica pela irmã, já que nunca havia beijado antes, e também não se preocupava com isso até os comentários maldosos. E Haley é a garota que não se importa com roupas curtas, quantidade de namorados ou seu futuro acadêmico. À vista de todos, não existe futuro para ela, exceto sua beleza, que, segundo os seus próprios pais, no episódio 7 da primeira temporada, pode ser usada para conquistar um homem bem-sucedido profissionalmente. Para Haley e Gloria, a estereotipia feminina é baseada na beleza enquanto poder de ascensão social, onde a

vaidade parece ser suficiente como fator definitivo de quem elas serão, o que as torna como um referencial de estética na trama, restando apenas o olhar da sociedade acerca da cultura da beleza, que reduz os indivíduos à sua aparência externa.

“o culto da beleza e da forma física são fatores que corroboram a existência do individualismo e da vaidade e busca de determinados ideais estéticos. Os ideais estéticos são por isso entendidos como objetivos a atingir através de uma dada aparência. É uma meta que se gostaria de alcançar, ou seja, modelos e comportamentos sociais forjados a partir da cultura.” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 132).

O preconceito e o culto à beleza limitam Haley e Gloria, fazendo com que se tornem indivíduos que podem conseguir o que desejam a partir dos seus atributos físicos. É interessante notar a falsa simetria, considerando a beleza enquanto poder social (Wolf, 1992), quando colocado na balança o fato de que “Os homens, em geral, ligam a exibição de sua aparência à virilidade e a certos papéis sociais e de poder. Já com as mulheres está mais associado à sedução.” (LEITE e LIMA, 2007, p. 2). O culto ao corpo e representações estereotipadas do feminino não se limitam a questão meramente física, mas espera-se que a mulher tenha capacidades morais de seduzir e chamar atenção do homem (Anzai, 2000). Wolf (1992) aponta que o problema não é o fato de haverem mulheres maquiadas e que passaram por cirurgias plásticas a fim de obter alguma mudança exterior, mas a verdadeira questão é a falta de opção.

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm possibilidade de serem neles encontrados.” (GOFFMAN, 1988, p. 11-12).

As barreiras que são construídas socialmente resultam na ditadura da beleza, processo por meio do qual “As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina.” (WOLF, 1992, p. 77). Durante anos, a história da arte pode comprovar, a figura feminina foi reduzida, silenciada, maquiada e estetizada para que se adequasse às exigências e padronizações da sociedade e, mais especificamente, dos homens.

3. NÚCLEO FAMILIAR 3: MITCHELL E CAMERON

O último núcleo familiar, mas não menos importante, é o do caçula filho de Jay, Mitchel, e seu companheiro Cameron. Os dois se conheceram por intermédio de um amigo, namoraram e passaram a morar juntos, e, alguns anos depois, eles aumentam a família adotando a vietnamita Lily. O casal, por viver em uma relação homoafetiva, precisa constantemente lutar contra a discriminação que sofre, dentro da própria família,

e com a sociedade e amigos. “A homofobia tem se revelado como um sistema de humilhação, exclusão e violência que adquire requintes a partir de cada cultura e formas de organização das sociedades locais” (BORRILLO, 2010, p. 9) Diante disso, três situações de preconceito precisam ser destacadas: a relação com Jay, com a sociedade e com sua filha.

Jay, como já falado anteriormente, foi criado sob ideais misóginos do século passado e, durante a trama da série, sente dificuldade na aceitação do seu filho como homossexual, o que acaba fazendo-o se afastar e esfriar a relação paternal. Esse posicionamento do patriarca revela muito mais do que seu preconceito, mas a forma como a sociedade enxerga os que não se adequam à normatividade imposta. “Numa sociedade demarcada por padrões universais na qual o homem, caucasiano, heterossexual, com destaque social e financeiro marca o padrão universal (...). Já os homossexuais são ‘doentes’, anormais e desviantes.” (BARRETO JANUÁRIO, 2016, p. 37). As relações homossexuais sofrem preconceito por não estarem adequadas àquilo que a cultura contemporânea entende por masculinidade ou feminilidade. Os desafios enfrentados por Mitchell e Cameron retratam a realidade de milhares de pessoas que vivem em realidades semelhantes às deles.

Um segundo aspecto a ser destacado é a relação deles com a sociedade, já que, “a análise do preconceito deve necessariamente considerar o efeito do contexto normativo na avaliação que as pessoas fazem dos membros do grupo-alvo do preconceito” (PEREIRA, 2009, p. 5). Na vida coletiva, somos moldados e construídos através dos olhos dos outros, por isso, Mitchell e Cameron estão sempre sendo afetados pelo medo do preconceito, quando saem na rua ou estão no avião, o temor de represálias e exclusões com as quais eles tiveram que lidar todos os dias de suas vidas, os faz acreditar que, estão sendo vítimas de repressão, mesmo quando não é verdade. Nos pensamentos de Perroni e Costa (2008), a ideia que atribui o “ser padrão” a um modelo de família, é capaz de gerar de conflitos e preconceitos em relação a outro exemplo que seja diferente do que é compreendido como “natural” e “correto”.

O último ponto a ser analisado é a relação dos pais com a filha Lily. Adotada com poucos meses de vida, a garota é levada para os Estados Unidos, sem o conhecimento da família de Mitchell, já que ele teme como eles irão reagir. Chegando em casa, é marcado um jantar para contar aos parentes a novidade. A notícia é digerida aos poucos e bem aceita quando a bebê é apresentada aos familiares. “A multiplicidade

de formas revelada pela família hoje exige uma boa dose de flexibilidade de quem sobre ela se debruça de modo a assegurar que posições pré-concebidas ou preconceituosas não prejudiquem a compreensão dos distintos laços que estruturam as famílias.” (PASSOS, 2005, p. 32). A série neste ponto questiona sobre o amor homoafetivo, mas também sobre o próprio conceito de família e sobre o polêmico tema da adoção por famílias homoparentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as novas configurações familiares, e até mesmo as mais tradicionais, fruto da história ou de novas compreensões estruturais da sociedade, percebe-se uma necessidade de entender as consequências dessas novas construções e como elas afetam os indivíduos e núcleos familiares, sendo esses os locais onde se concentram e se dão ordem à sociabilidade (Mello, 1992). Por outro lado, é importante também compreender que o preconceito está arraigado a situações do cotidiano e se manifesta quando o que é estabelecido como “padrão” ou dominante é confrontado ou de alguma forma exposto ao novo, tendo em mente que na pós-modernidade surgem novas identidades (Hall, 2005). Com isso, torna-se necessário a prática daquilo que foi proposto por PASSOS (2005, p. 32):

“o entendimento de que uma ética relacional que assegure as especificidades de cada contexto possa evitar, em futuras gerações, o martírio advindo de posições preconceituosas que excluem os sujeitos por não pertencerem aos padrões estabelecidos e não se regularem pelos valores hegemônicos”.

O estudo dos gêneros é um saber acadêmico relativamente recente, se considerados os séculos que foram necessários para construir o que hoje compreendemos como “natural” ou “normal”. Hoje, é possível ver um processo no qual “A discussão sobre pluralidade, sobre diversidade de gênero e suas concepções vem, cada vez mais, ganhando um espaço fundamental para reflexão da importância do rompimento com valores que não correspondem ou não englobam a diversidade de identidades” (SOUZA e JORDÃO, 2016, p. 13). É interessante notar que existem muitos preconceitos enraizados na sociedade que acabam roubando dos indivíduos o direito de ser quem são. Apesar da legitimidade e pluralidade das opiniões, é preciso deixar que o coletivo molde a vida social ao invés de compreensões morais próprias. Muitas vezes, é preciso estudar determinados temas e debater-los para compreender o futuro da sociedade e a forma com que ela envolve os indivíduos.

Diante das novas pautas sociais, a comunicação se posiciona como agente transformador, seja ela através do jornalismo, publicidade ou entretenimento (cinema, rádio, TV) para mudar uma realidade, principalmente, se compreendemos o caráter pedagógico da mídia (Louro, 2008). O debate de preconceitos na *sitcom Modern Family* não inicia com os discursos misóginos, assédios ou retratos da opressão, mas na própria representação caricata dos personagens: gays apaixonados por musicais da Broadway e pela cor rosa, uma latina hipersensualizada e retratada como histérica ou até na esposa que é sobrecarregada com os fazeres domésticos enquanto o marido é o único provedor do lar. Esses estereótipos “existem porque a cultura está permeada por hegemonias, formas de dominação cultural que tornam certas imagens e formulações mais ‘naturais” (CABRAL, 1998, p. 24). Ao usar das caricaturas de estereótipos tão arraigados na cultura norte-americana, o intuito parece ser o de causar identificação para depois desconstruir já que o desenrolar da série retrata o preconceito cotidiano e risível. A série não precisa escrachar diálogos bem elaborados para mostrar que, de fato, a nossa sociedade ainda julga as pessoas de acordo com seu sexo. Mas, indo além disso, ela mostra que, de fato, muitas pessoas ainda têm suas atitudes medidas segundo os olhos de uma sociedade sexista e homofóbica, mostrando situações reais, de preconceitos factuais que são realidades na vida de muitos. “Os exemplos de experimentações artísticas, audiovisuais ou não, que se propõem a tensionar os limites entre ficção e não-ficção são cada vez mais numerosos” (GARCIA, 2016, p.1) o autor completa a justificativa para a ascensão de produções no formato *mockumentary* dizendo que “O fenômeno que parece estar por trás disso é uma demanda cada vez maior do público por realismo.” (GARCIA, 2016, p.2).

A análise da *sitcom* mostrou a realidade do debate de questões sociais em produções televisivas e também revelou que as teorias e produções feitas acerca do estudo dos gêneros tornam-se essenciais para compreensão de como a sociedade enxerga e predetermina os corpos e seres. A série se opõe às barreiras do tradicional e mostra vários modelos de família sendo expostos a várias formas de discriminação. Por fim, cabe dizer que é promovido sim um diálogo e desconstrução de conceitos arcaicos e ultrapassados utilizando a estratégia de comédia de situação a fim de explorar, de forma séria, problemas sociais.

REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Z. **A mulher na história, a história da mulher**. Rio de Janeiro: Fundação Astrojildo Pereira. 2004.
- ANZAI, K. **O corpo enquanto objeto de consumo**. Campinas. 2000.
- BARRETO JANUÁRIO, S. M. **Masculinidades em (re)construção: Gênero , Corpo e Publicidade**. LabCom: Covilhã. 2016.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2012.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2010.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2010.
- CABRAL, P. **Racismo ou etnocentrismo?** In: ARAÚJO, H. SANTOS, P. SEIXAS, P. Nós e os outros: a exclusão em Portugal e na Europa. Porto: SPAE. 1998.
- CANNITO, N. **A televisão na era digital: Interatividade, convergência, e novos modelos tecnológicos**. São Paulo: Summus. 2010.
- CABECINHAS, R. **Racismo e xenofobia: a actualidade de uma velha questão**. Porto: Campo das Letras. 2008.
- CHAUÍ, M. **Senso Comum e Transparência**. O Preconceito. Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial. São Paulo. 1996/1997.
- CONNELL, R. **Masculinities**. Los Angeles: University of California Press, Berkeley. 2005.
- DUARTE, E. **Sitcoms: novas tendências**. Porto Alegre. 2008.
- GARCIA, P. **Os (não) limites entre ficção e documentário na série *Modern Family***. Santa Cruz do Sul. 2016.
- GOFFMAN, E. **Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro.1988.
- HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.
- HOPENHAYN, M, BELLO, A. **Discriminación étnico-racial y xenofobia en América Latina y el Caribe**. In: Serie Políticas Sociales CEPAL (Chile) N° 47. 2001.
- LEITE, I, LIMA, M. **Recriando o Corpo Feminino: Sedução, Fantasia e Ideal de Beleza**. Recife. 2007.
- LIMA, M, VALA, J. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. 2004.
- LIPOVETSKY, G. **A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino**. Maria Lucia Machado (trad.), São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

- LOURO, G. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- _____. **Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Proposições, v. 19, n.2 (56) – mai/ago. Porto Alegre: 2008.
- MENANDRO, P KERCKHOFF, R, BERTOLLO, M. **Concepções sobre relações amorosas / conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios**. Psicol. clin. vol.17 no.2. Rio de Janeiro. 2005.
- MELLO, S. **Classes populares, família e preconceito**. In: Psicologia USP. V.3, N. 1/2, 123-130. São Paulo. 1992.
- MORIN, E. **A integração cultural**. In: Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo ¾ Neurose Rio de Janeiro: Forense. 1984.
- PASSOS, M. **Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família**. In: Psico. Clin. Vol.17, n.2, pp.31-40. São Paulo. 2005.
- PEREIRA, A. **Normas Sociais, Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e Preconceito contra os Homossexuais**. 2004.
- PERRONI, S, COSTA, M. **Psicologia clínica e homoparentalidade: Desafios contemporâneos**. Universidade Federal de Santa Catarina: Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 2008.
- PISCITELLI, A. **"Recriando a (categoria) mulher?"** In: ALGRANTI, Leila (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH-Unicamp, (Textos Didáticos, n. 48). 2002.
- REEVES, H. BADEN, S. **Gender and Development: Concepts and Definitions**. Bridge – desenvolvimento gender. Report n. 55. 2000. Disponível em: <http://www.bridge.ids.ac.uk/sites/bridge.ids.ac.uk/files/reports/re55.pdf>. Acesso em: 28 de novembro de 2016.
- RIBEIRO, A. **O corpo que somos. Aparência, sensualidade, comunicação**. Lisboa: Notícia Editorial. 2003.
- RUBIN, G. **O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política do Sexo”**. Recife: SOS Corpo. 1993.
- SAFFIOTI, H., BONGIOVANI, I. **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres**. 2009.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.
- SOUZA, V, JORDÃO, J. **Além do dualismo: identidades de gênero e representatividade midiática**. Goiânia. 2016.
- SOMARIVA, M, ROSÁRIO, N. **As explosões de Oliver: o transcorpo e a reconfiguração subversiva de sentidos**. Porto Alegre. 2015.
- WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.